

APARECIDO DO NASCIMENTO

Ainda e Sempre

Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto
(Org.)



Pedro & João
editores

AINDA E SEMPRE

Aparecido do Nascimento

AINDA E SEMPRE

Organização de Cláudia Beatriz de Castro
Nascimento Ometto



Copyright © Autor e organizadora

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor e da organizadora.

Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto [Org.]

Aparecido do Nascimento [Autor]

Ainda e sempre. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025.
60p. 12 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-2228-8 [Impresso]

978-65-265-2231-8 [Digital]

1. Textos do pai. 2. Memória familiar. 3. Cartas. 4. Literatura. I. Título.

CDD – 800

Capa: Patricia Perez

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828

Curadoria e revisão: Luiz Roberto Stella

Diagramação: Nicole Cavalcante Duque Gredilha Coelho

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2025

PREFÁCIO

Gosto de pensar com Bakhtin que um texto se compõe de muitas vozes que remetem a tantas outras vozes e a leitura nos possibilita o encontro com outros tantos textos e sentidos para pensar o mundo e o humano. Assim foi minha experiência a partir da leitura dos *textos de meu pai*. Sua voz ecoava em mim, *nos becos da memória* parafraseando Conceição Evaristo, em uma lembrança que se fazia muito próxima, mais forte do que a distância imposta pela morte.

Quando recebi de minha mãe, em junho de 2025, uma pasta com os originais manuscritos por meu pai (acredito que a produção se deu entre 1960-2004, mais ou menos) para organização dessa obra, realizei diversas leituras mas, já na primeira vez, recordei-me de um romance de Isabel Allende que li há alguns anos, *O amante japonês*. Em um envoltivo texto epistolar encontramos com a história de dois amantes. A paixão é universal e eterna, diz Alma, a personagem que narra sua história aos jovens netos, um amor secreto com Ichimei, registrado em trocas missivas entre os amantes.

Rememorei também o belíssimo texto escrito por Orhan Pamuk, seu discurso da cerimônia de entrega do Prêmio Nobel de

Literatura de 2007, intitulado *A maleta de meu pai*. Nele, o autor relata que, dois anos antes de morrer, seu pai lhe entregou uma maleta contendo seus escritos, originais e cadernos. Com brincadeira e zombaria disse-lhe que lesse o material após sua morte. Pediu, com ar encabulado, que visse se na maleta encontraria alguma coisa a ser publicada depois de sua partida. Que fizesse uma seleção e publicasse.

Dezessete anos se passaram após a partida *do meu pai* (01/06/2008). Para quem o conheceu, um homem com expressão habitual de brincadeira e zombaria sutil. Ele não me disse que gostaria que eu lesse, nem me pediu para selecionar ou publicar alguns de seus textos. Mas a vida é teimosa e tinhosa e cá estou, diante da *pasta de meu pai*, na tentativa de fazer uma seleção e publicar.

Minha memória trouxe a lembrança de um pai notívago, sempre lendo muito e fazendo anotações. Estaria ele escrevendo o material que hoje tenho em mãos? Acredito algumas das vezes sim. Como selecionar os textos e prefaciar com emoção um livro de seus escritos mas, ao mesmo tempo, com um tantinho de objetividade e distanciamento? Pelos olhos de *outro*. Um *outro* leitor tão atento, curioso, brincalhão e zombeteiro como meu pai. Para tal, a fim de trabalhar no material, ajudando-me nessa empreitada, convidei para curadoria o Professor Luiz

Roberto Stella que prontamente aceitou o convite e a quem sou muitíssimo grata pela colaboração.

Os textos aqui reunidos não são missivas como as de Alma e Ichimei mas, em sua maioria, tratam do amor, um amor com intensidade de paixão, registrado em textos como *Carta; Eu te amo; Para Cecília, longe; Divagando*. Diria que oitenta por cento da obra se dedicam, *Ainda e Sempre*, para ela: Cecília. Uma paixão de amante, tal como a vivida pela personagem de Allende.

Ao mesmo tempo, alguns dos textos evidenciam serenidade ao conversar com *Senhor Deus* e discutir o desenrolar do mundo ou estabelecer uma reflexão sobre a passagem para o eterno, como em *Agnitio post mortem*. Há, também, reflexões sobre a possibilidade de amor sereno, tal qual em *Ana e Elias; Bênção, mamãe; Meus filhos*.

Alguns textos que parecem únicos e isolados, como *Fracasso* e *Eternidade*, evocam reflexões quase filosóficas, diálogos implícitos com Freud e explícitos com Garcia Márquez, Schopenhauer, Tomás de Aquino, dentre outros autores dos quais me lembro meu pai ser leitor. Tais reflexões expressam a necessidade visceral de materializar em palavras a experiência inescapável de sua própria humanidade.

Desejo que a leitura dos textos aqui organizados seja *uma contação de histórias* que

tenha a potência de trazer para a lembrança
de cada um de nós a figura de um Aparecido
do Nascimento cálido e sereno, sempre vivo
como presença íntima e secreta.

Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto

Sua filha

31/07/2025

SUMÁRIO

1. CARTA / 11
2. MEUS FILHOS / 12
3. PERMANÊNCIA / 13
4. BILHETE AO MEU AMOR / 14
5. À NOIVA AUSENTE / 15
6. EU TE AMO / 16
7. PARA CECÍLIA, LONGE / 17
8. SENHOR DEUS / 18
9. LUZ / 19
10. RECADO DE AMANTE / 20
11. FUGACIDADE – DO SONHO AO
PESADELO / 22
12. ATRAVÉ DE VOCÊ OU MEU
NIRVANA / 23
13. MAIS VELHO MELHOR / 24
14. AO SENTIDO / 25
15. AINDA E SEMPRE / 26
16. O SILÊNCIO DA NOITE / 28
17. BELA É MAIS IRRESISTÍVEL / 29
18. O FRUTO / 31
19. ANA E ELIAS / 32
20. SEM VOLTA / 33
21. NOS PARALELEPÍPEDOS / 36
22. BÊNÇÃO, MAMÃE / 37
23. BRICOMANIA / 38
24. PIRACICABA / 40
25. A BOMBA DA PAZ / 41
26. REFLEXÕES FINAIS / 42

- 27. NATAL / 44
- 28. NOITE / 45
- 29. FRACASSO / 46
- 30. ETERNIDADE / 51
- 31. DIVAGANDO / 54
- 32. AGNITIO POST MORTEM / 60

CARTA

Piracicaba, 24 de setembro de 1960

Cecília,

Sei que você é uma menina muito
compreensiva.

Por isso, perdoa-me, eu me enganei.

Eu menti quando disse que gostava de você.

Nunca eu gostei de ninguém.

O que sinto por você é quase adoração.

É muito mais do que gostar.

Talvez seja muito mais que amor.

A. Nascimento.

MEUS FILHOS

São quatro verdades.

Cada qual com diverso conteúdo,

Mas que comportam idêntico

Significado para mim.

PERMANÊNCIA

1º começo

Na doçura
Do seu beijo
Na ternura do desejo.
Na emoção
Que suscita
E palpita
O coração.

2º começo

Na alegria
Do calor
Que irradia
O seu amor.
Qual perfume
Duma flor
Que resume
Todo amor.

Conclusão

Você fica
Ao ir embora
No agora
De nós dois:
Na saudade
De depois.

BILHETE AO MEU AMOR

Você marcou minha existência pela
grandeza do amor que ofereceu e me fez
sentir.

Em tudo que você fala identifico
parte de um repertório de amor.

A sua companhia
torna a vida mais intensa.

À NOIVA AUSENTE

O nosso amor tem sido diferente
Porque, à distância, sabes o sofrimento.
Ficamos juntos tão poucos momentos,
Felizes, mas que acabam de repente.

Alicerça-se em sólida amizade
Capaz de tudo transpor e suportar,
Sem mesmo nunca, ao menos, se importar
Com o doce-amargo gosto da saudade.

Renuncias às nossas mútuas presenças,
Cartas de afeto, sentir amor à distância,
Esperar rever teu rosto, com ânsia:
Quem nos impôs na vida, estas sentenças?

EU TE AMO

Eu amo. Preciso de você.
Você virá logo, amor?
Venha logo meu bem.
Penso que aqui é o seu lugar.
Venha, anjo que traz em si tudo que até
hoje
Consegui concretizar e
Tudo que haveremos de conseguir
juntos.
Eu a amo, Cecília, para sempre.
Mas venha para nossa casa.
Eu não aguento mais, Cecília.
Tudo está à sua espera.
Não demore, tá?

PARA CECÍLIA, LONGE

O prazer da dor, da saudade
Que angustia
Mas não ofusca a alegria
Dos nossos momentos de intimidade,
De eternidade
A dois vivida.
É a ausência tua, a medida
Exata do nosso amor.
Amor que aumenta e se transborda
Quando tu vens,
Prenha de afeto,
Para vibrar sob meu teto
E eu te dar, e me dares,
Na integração total dos nossos seres,
O mais terno e puro dos prazeres.

SENHOR DEUS

Senhor Deus que assiste o desenrolar do mundo,
Que tudo sabe e que de tudo é capaz,
Que assiste a vegetação dos seres vagabundos,
Viventes em inconsciente estado de paz,
traz a vida e a tira deste mundo...
Que sopra o vento e acalma o furacão profundo,
Que vê no caos um traço de cartaz,
Um mapa antigo, um sonho moribundo,
Um gesto eterno em cada ato fugaz.
Senhor das horas, do tempo que se esconde,
Do grão que brota e do que nunca nasce,
Que ouve o pranto onde ninguém responde,
E, mesmo assim, em tudo, ainda se faz.
Que arde em fé no peito dos perdidos,
Que cala os gritos com silêncio audaz,
Que escreve o rumo em traços indefinidos,
Que ensine o amor, mesmo onde ele jaz.

LUZ

Quero a luz da madrugada
Azul, de estrelas no céu,
Suavizando, sob o véu
De brancas nuvens,
Os sonhos de minha amada.

Quero a luz do sol nascente
Co'a natureza enfeitada
De repente, de cores, nova
A iluminar sua alcova
E despertar minha amada.

RECADO DE AMANTE

O seu amor exigente
Consome a minha vontade
E me faz mais dependente.
Eu sou.

E se você, sorridente,
Me pede até o impossível,
Saiba que fico contente.
Eu dou.

E quando seu beijo quente
Me aquece com seu calor,
Eu nem me sinto mais gente.
Não sou.

Sinto-me assim, de repente,
Tão frágil, tal uma flor,
Ou algo bem diferente.
Eu sou.

Sou a estrela reluzente
Iluminando o caminho
Pra você seguir em frente.
Eu vou!

Pareço meio inocente
À mercê do seu amor.
Quero deixar bem patente:

Eu sou.

Você me domina a mente.
Gosto de ouvir seu chamado
Para dizer prontamente:
Já vou.

Mas quero ser permanente.
Jamais me mande partir,
Porque direi ternamente:
Não vou.

FUGACIDADE – DO SONHO AO PESADELO

Noites e noites vivo em fantasia,
De fugazes devaneios.
No sonho tua imagem me extasia,
Pedindo e dando amor,
Sem ter receios.

Enquanto a mão teu corpo acaricia,
Liberto meus mais cálidos anseios:
Meus lábios queimam na pele macia,
Das pontas cor de rosa dos teus seios.

Volúpia rara toca os meus sentidos,
Mas ao calor dos beijos incontidos,
Sempre sucede o meu maior tormento.

Teu corpo esvai-se, bem neste momento.
E ao despertar, na angústia de perdê-lo,
Termina o sonho e volto ao pesadelo.

ATRAVÉS DE VOCÊ OU MEU NIRVANA

Busco em seu corpo sutilezas
Escondidas no mais íntimo do
ser.

Descubro, a cada instante,
O quanto estou distante
De todas as belezas
Que você me pode oferecer.
Tudo em você
É um relicário de surpresas
insuspeitadas
Para serem doadas
A cada nova realização do
amor.

Tudo de você
Leva-me ao tempo do
superlativo,
Na fruição de sentimentos
incontidos,
Para além da humana
imaginação,
Na intensa vibração
De todos os sentidos,
Que nos convida ao mundo de
nós dois,
Onde, logo depois,
Nos entregamos e nos
recebemos
Lá no Nirvana,
Que só nós sabemos.

MAIS VELHO E MELHOR

Vou lhe contar um segredo:
Não tenho medo
Da idade
Que vem vindo.
Na verdade,
O nosso amor é como vinho:
Vai curtindo...vai curtindo...
E com carinho,
Quanto mais velho,
Mais gostoso de tomar.
Assim é amar
Você.

AO SENTIDO

À alegria me dei, por conta de um amor,
Sem guardar um pouco para mim.

À alegria me dei, por conta de um amor,
Minha procura, crendo, ter chegado ao fim.

À eternidade de um amor não consumado,
Restou, na pureza do que nunca fora,
A eternidade de um amor não consumado,
Emoldurado na lembrança de desejos
temporais.

À minha amada, meu amor era insensível.

A minha amada, meu amor, era insensível.

Deixou na eterna cristalização de um quase,

À grande diferença imposta pela crase,

A grande diferença imposta pela crase,

A transformar a vida numa frase.

AINDA E SEMPRE

Para saber as coisas boas desta vida:

- Meu entendimento!

Para entender como convêm

Palavras, gestos e atitudes:

- Minha suposição!

Para supor que sou amado,

Sem ter isto ouvido:

- Minha imaginação!

E para imaginar que nada mais

No mundo existe ou fora dele:

- Meu fanatismo!

Para ocorrência de milagres

Das transformações em mim:

- Minha superstição!

E para minha evolução de simples ser
vivente

A ser que ama e vive:

- Minha transformação.

Para os apelos que nem podem ser aceitos

Nos limites da razão:

- Minha paixão!

Para justificar tudo que me toca

E não consigo descrever,

Pois as palavras impedem, muitas vezes,

A mim me basta você, toda ternura.

O meu entendimento supõe e imagina,

Num fanatismo supersticioso,

Transfigurado e apaixonado, quase
inconsciência,
Quando meu coração ordena que devo amar,
Já me assegura, embora mudo,
Que tal precisa ser possível.
Eis a razão desta indivisível persistência.
Meus sentimentos justificam tudo.

O SILÊNCIO DA NOITE

O quase silêncio da noite tem apenas o som romântico do brilho das estrelas. Ele nutre com delicadeza extrema o meu conjunto de saudades.

A saudade, este instinto de regressão romantizado, buscando lembranças boas do passado. Por isso, gosto da noite. Ela contém tudo que a saudade quer.

Assim, em cada instante vivo. Vivo toda uma vida.

BELA É MAIS IRRESISTÍVEL

Faz frio. Muito frio.

Como resistir à tentação quase sublime do leito macio, perfumado e aquecido pelo corpo da minha amada?

Você não me chama eu sei, pois dorme, mas já vou, meu bem, já vou.

Vou ao meu quarto, nem sei por quê. Cecília, meu amor dorme agasalhada e tranquilamente. Está muito bela. Volto ao estudo ou tento voltar. Em meio aos meus esforços na luta contra o sono, o silêncio da noite fria fala por uma palavra inarticulada que vem lá do fundo do meu eu.

Quero registrar tudo, mas não consigo conhecer em mim o mais agradável dos sentimentos já experimentados com a intensidade que só os verdadeiros sentimentos proporcionam.

Este carinhoso amor por Cecília, a mais perfeita e amável esposa oferecida a um homem pelo senhor Deus.

A minha esposa dorme calma e tranquilamente e assim me parece hoje mais bela e, por isso, mais irresistível.

Como resistir ao mudo convite que me parece vir do leito macio, perfumado e aquecido pelo corpo da minha esposa?

Você não me chama, eu sei, pois dorme.

Mas já vou, meu bem. Já vou.

“Onde estiver minha Cecília, aí será meu céu”.

O FRUTO

“Bendito é o fruto
Do teu ventre”.
Isabel saudou Maria.
Logo depois, no Natal,
Sob a luz da estrela guia,
No silêncio da noite fria,
Na manjedoura pequenina,
Era dada à humanidade
A herança divina.
Na gloriosa verdade,
O menino Deus nascia!
E confirmava Maria
O exemplo divino
Da árvore que dá bom fruto!
Bendito é o fruto
Do teu ventre – Jesus.
Quando o menino chorava,
Anunciando aos homens a paz
De criancinhas que dormem,
O mundo se iluminava
Da luz de Deus feito homem,
No seio da virgem Maria.
Bendito é o fruto de teu ventre:
Jesus.

ANA E ELIAS

Que o amor, de tudo capaz,
Vos dê, como por presente,
Felicidade que faz
A lua de mel permanente.

Que em vosso lar viva a paz,
Como do amor imanente,
Pois esta é a força que traz
O coração mui contente.

Que sempre Deus vos proteja
E o vosso lar sempre seja
Um paraíso de flores.

Que, sob o vosso telhado,
Permaneça agasalhado
O mais terno dos amores.

SEM VOLTA

Existi. Ação,
Um sopro de energia
Incorpóreo, livre, palpitante,
Até que a um dado instante,
Fui presa deste corpo temporal,
E com ele identifiquei-me
Em tal limitação.
Antes, abstrato e virtual,
Não me houvesse deixado
Envolver pela matéria,
E, ainda,
Sem ter como manifestar-me,
Teria aquela condição
Do que não finda,
E pode, para sempre, ser.
Como ocorreu
De esta quimera ensombrar-me o dom?
Submeter-me ao tempo?
Eu, criança, logo morri...
Depois, garoto ágil,
Lúcido e fazedor de peraltice,
Vi, celeremente, fugir a juventude,
Sem compreender o que fazia.
Quis enfrentar a sanha do tempo
Para transpor-lhe os umbrais.
E este escaravelho sanguessuga
Sugou-me a vida,
Fazendo-me adulto velho,

Deu-me sabedoria, inútil e vazia,
Coluna vertebral dorida e torta,
PESCOÇO FRÁGIL,
Que mal suporta, sem firmeza,
Uma cabeça branca, nas vertentes da sandice,
Prestes a sucumbir,
Ao peso de óculos de chumbo,
Para olhos que mal veem.
Não há vestes
Que agasalhem contra o frio
Que vem de dentro, da escuridão, da
quietude.
Ao final, se ilumino com círios
De tênue lume,
A perscrutar
As regiões abissais da memória,
Por entre lírios, aqueles do campo,
Que deveriam olhar
E esquecer o dia de amanhã,
Frustrações e coisas banais,
Ascendem delírios, na urgência
Do ainda nada fiz de perene,
Na ansiedade do: passo comigo? Não mais?
Uma anciã necessidade
Recria, aprimora e relembra detalhes
De sonhos jamais concretizados.
Dá novas dimensões e cores até vivas
Às imaginárias conquistas da mocidade,
Assim como discípulos narrando estórias
Em pálidas escrituras
De um anti-evangelho particular.
Imaginação? Memórias? Loucuras?

Nada. Coisas de velho... Coisas de velho...
Ah! Se pudesse inverteria estes caminhos
E viveria o sonho da memória criativa.
Desde velho tornaria à juventude
Para ser, só depois, criança
E completar a vida nos carinhos
De minha mãe.
Antinomia de nascer, reverteria a morte,
Retornando ao ventre materno,
Para extinguir-me e libertar-me na
concepção.
Na volta à origem, ao dar-me
A verdadeira luz, redivivo e único,
Resgataria ser eterno,
Pelo nunca me deixar
Adstrito a um corpo físico,
Humano e temporal.

NOS PARALELEPÍPEDOS

No meio da noite,
Bem no meio da rua,
Uma planta despudorada
Expunha flores de cores,
Tentando humilhar a lua.
A alvura da deusa nua,
Já pálida de recato,
Oculta em biombo de nuvem,
Corria o céu pacato,
Em busca de novo dia,
Para ocultar-se na luz.
E o sol com brilho que encanta
Com suas fortes centelhas
Em fotossínteses vis,
Por certo sufocaria
As cores das flores da planta,
Indiferente às abelhas e colibris.
Se assim foi, ninguém viu.
A planta, porém...
Continuou viva?
Morreu?
Sumiu?

BÊNÇÃO, MAMÃE

Neste teu dia de festa,
Alegremente a cantar
Em homenagem modesta,
Querendo contigo brincar...
Numa feliz traquinada,
Presente do coração,
Ó mamãezinha adorada,
Cantamos esta canção.

Bênção mamãe. Bênção mamãe.
Amor divino tua bênção contém.
Bênção mamãe. Bênção mamãe.
E que Deus te abençoe também.

Pelas bondosas palmadas
Que em teu desvelo sem par
Lições em pranto ensinadas
Mais foram que castigar...
Ao teu amor consagrado,
Presente do coração,
Ó mamãezinha adorada,
Cantamos esta canção.

BRICOMANIA

É certo se bricomania ou bruxismo,
O atrito inútil das arcadas dentais,
Sem consciência ou controles mentais,
É alteração oclusal ou do psiquismo?
Há teorias que dão importância
Ao oclusal desequilíbrio, simples e puro,
Sendo o atrito dental feito na ânsia
De eliminar algum contato prematuro.
Razão emocional foi já invocada
Para explicar também a anomalia,
Mas, em verdade, pouco se avalia.
Quando tornado um fato habitual,
As teorias não explicam nada,
E é executado como um ritual.

Mais conhecidos são os seus efeitos:
Sobre as coroas, facetas de desgaste
Ou mais até, num doloroso contraste
Da correta anatomia conhecida;
Função mastigatória reduzida,
E o periodonto a exhibir defeitos,
Perdas ósseas, dental mobilidade,
Dor pulpar, reabsorção radicular,
À percussão mui sensibilidade
E na face, fadiga muscular.
E, enquanto não sentidos, ninguém teme
Os complexos problemas da ATM.

O tratamento é quase sempre falho,
A eliminar contatos prematuros
No balanceio e lado de trabalho,
Para evitar estímulos mais duros
E suprimir este mover proscrito
Durante um sono inquieto e cansativo,
Quando acontece o mastigar do nada
A desgastar os dentes em constante atrito.
A placa de mordida é um lenitivo
Por todos creditada e abonada,
Porém, inda persiste um não sei quê,
Que mais do que o desgaste seletivo
Requer as correções da psiquê.

E o fim da estória é quase sempre o mesmo:
Se a inflamação se superpõe ao caso
Que o paciente vai levando a esmo,
Perceberá que após um curto prazo,
Quando o problema não tiver mais cura,
O seu bruxismo ainda estará ativo
A desgastar postiça dentadura.

PIRACICABA

Piracicaba, terra mais querida,
Por mim jamais sonhada ou pressentida,
Até que um dia, em meio às colinas,
Te conheci, mas com algum receio.
Soube teus filhos serem gentis,
Irmãos agora, em minha nova lida.
Deitei raízes, me senti feliz
Tal que uma planta, em frente à matriz.
No rol das dádivas que oferecestes
Provei teu sol, que me aqueceu a vida,
Vivificando meu amor por ti.
O céu de bronze anunciando a noite,
Co'a brisa leve a me beijar a face
E bem depois, assim que a lua passe,
Com um véu de espuma, num suave açoite,
O Som do salto a despertar o dia,
Canta alto e pleno de alegria.
E soube, aos poucos, todos os teus encantos.
E tua história, onde se contam tantos
Sábios e heróis que recebeste outrora.
Recebe, agora, o que parece pouco:
A minha prece, feita em gratidão.
Minha alma é tua com meu coração,
Que, por teus encantos e por teu amparo,
Teus dons secretos e teu raro brilho,
Todos de afetos, me tornei teu filho.

A BOMBA DA PAZ

Bom seria
Se os homens se entendessem
E não mais estendessem,
Por motivos que são nada,
Da guerra o negro manto
Sobre as regiões da terra,
Provocando mortes,
Derramando pranto.
Mas, em verdade, tudo indica
Que a humana inteligência busca
A destruição do mundo,
Em um segundo,
Numa belíssima explosão atômica,
Que já não será trágica,
Mas cômica.
Pois, como num passe de mágica,
Será o recurso capaz
De dar por eliminado
O motivo primeiro das guerras:
O autodeterminado
Único ser racional,
Esse animal chamado homem.
E, então, haverá paz...

REFLEXÕES FINAIS

Sempre pensei: não estou só!
Comigo estava
Aquele que eu pensava fosse
O mais fiel e verdadeiro amigo.
Suave, perfumado e doce.
O meu cigarro assim me parecia.
Quando nervoso, mais fumava...
E ele imitava, num repente,
A paz que eu merecia,
Entorpecendo minha mente
A cada nova tragada.
E poderia o que pedir em troca?
Nada.
Enfeitava minhas horas de lazer,
E mais que isso, oferecia
Momentos fugazes de estúpido prazer,
Que para mim representavam
A libertação de todos os tormentos.
E seu sabor, que bem conheço,
Melhor me era do que o mel no favo,
Até que, por um preço muito alto.
Eu me senti como escravo,
Já incapaz para qualquer combate,
E ele, todo o meu senhor.
Minha saúde, o único penhor,
Já impossível de resgate.
Somente agora e tarde descobri:
Este, que sempre conviveu comigo,

Nada mais é que um inimigo,
Camuflado e torpe,
Que se esvai como fumaça,
Sem assumir a desgraça
Que suscita,
Indiferente às dores de quem grita.
Pressinto que se escoam
Os meus últimos dias.
Sem do veneno poder me desfazer,
Em desespero, então, me agarro
À vida que, plena de prazeres puros,
Convida às coisas simples e sadias.
O que me deste, maldito cigarro?
Instantes fugazes de estúpido prazer,
Depois da tosse, o sono dormido,
E agora, ao fim de tudo,
Este sanguinolento escarro!
Quisera ter jamais te conhecido!
Muito pior que Judas,
Pois fugiu, depois de haver traído,
Como um amigo falso, que está sempre à
mão,
Além de tantos outros males,
És bom para matar de câncer
Na boca, na garganta ou no pulmão.

NATAL

Natal é tempo de viver o sonho e ter a certeza de que tudo vai mudar.

É tempo de contemplar Jesus e sua santa mãe.

É tempo de ouvir e acolher e repetir a mensagem alegre dos anjos de Deus.

É tempo de olhar para o mundo, alimentar a chama do amor e apreciar o milagre da vida.

Natal é tempo de colaborar para o renascer do amor.

NOITE

A noite é quieta de um silêncio que fala por meio de uma voz inarticulada que vem lá do fundo do meu eu. Fala coisas que não posso transmitir por falta de símbolos verbais. Fala de mim, que estou tão diferente de alguns anos, pois conheço o mais agradável dos sentimentos que uma mulher, para mim, ainda me faz experimentar com a intensidade das coisas verdadeiras e indestrutíveis: o carinhoso amor por Cecília, aos meus olhos de marido apaixonado, a mais perfeita de todas as criaturas do Senhor Deus.

Meu amor dorme e eu me sinto apaixonado por meu amor dormindo calma e tranquilamente, o sono das criaturas que inspiram amor-perfeição.

Dormindo, é mais bela por que parece muito tranquila.

FRACASSO

O medo do fracasso é uma mistura de preocupação e fobia. A única coisa que o distingue da fobia é que a situação temida, geralmente, é considerada como genuinamente difícil, com exceção do desempenho sexual, ao passo que na fobia o medo é sempre irracional.

O medo de fracassar geralmente coincide com a falta de confiança e, muitas vezes, com uma sensação generalizada de não ter controle sobre a própria vida e isto, por sua vez, pode ocorrer em conjunção com a meia idade em geral.

O medo de fracassar pode ter várias causas. Quando há muita pressão sobre uma criança para que se tenha um bom desempenho o tempo todo; quando o fato de não conseguir destacar-se não é visto com bons olhos, ou quando é dada uma ênfase exagerada às conquistas acadêmicas ou esportivas, em detrimento de outros valores. Uma criança a quem se dá a entender, embora sutilmente, que sua popularidade junto a seus pais depende do seu bom desempenho na escola, tem mais probabilidade de desenvolver um medo de fracassar do que outra que tem amor incondicional, não importando se vai bem ou mal na escola.

Quando na infância a pressão dos pais foi particularmente forte e nunca alguma coisa estava suficientemente bem, a pessoa tanto pode se tornar, mais tarde, fanática pelo trabalho, ainda se empenhando em chegar à perfeição para satisfazer seus pais (mesmo que há muito tenham morrido), como simplesmente pode desistir e se limitar a um trabalho bem inferior à sua capacidade, ou se recusar a buscar a perfeição, porque se acha incapaz. Essa pessoa tem medo de sucesso porque, uma vez bem sucedida, ficaria preocupada, achando que não conseguiria manter aquele alto nível de desempenho. Em outros casos, o dano é causado na escola, por professores que reagem com desprezo e castigo em relação a crianças que não estudam direito ou não conseguem responder suas perguntas.

A prática hipnoterápica encontrou muitos exemplos em que o medo de fracassar remontava a um ou vários acontecimentos traumáticos na escola, quando um professor ridicularizou ou humilhou uma criança diante de todos.

Mais tarde, quando os filhos começam a sair, geralmente os pais entram em crise e, ao deixarem a casa paterna, inicia-se uma nova era. Os filhos agora são adultos, fazendo suas opções, independentes, tomando suas decisões e, possivelmente, construindo suas próprias famílias.

Para os pais também ocorre uma mudança. Eles estão fazendo a transição de pais para avós. Um sinal de que começam a se aproximar da velhice. Além disso, as suas vidas, agora, devem-se concentrar uma na outra.

Quando os filhos partem para uma relação, os pais têm de aprender a enfrentar a modificação de sua situação familiar e os problemas que surgem a cada novo regresso. O prazer de criar filhos é, muitas vezes, contrabalançado por estresses e frustrações que aparecem especialmente para a pessoa mais ligada a eles, que ainda hoje é a mãe. Depois de ter trabalhado e ganhado seu próprio dinheiro e vivido como adulta, a mãe agora volta a viver, com os netos, num mundo infantil. Em contraste, o pai continua com seu trabalho e, através dele, tem contato com adultos. Assim pode apreciar os filhos como uma dimensão extra de sua vida.

É difícil para um casal deixar os filhos partirem. É mais difícil para pais solteiros ou viúvos. Como não há um companheiro, o filho ou os filhos constituem o principal ponto de atenção na vida do pai ou da mãe.

Eventualmente, muitas famílias tentam encontrar um equilíbrio entre permitir que os filhos se separem dos pais e ainda assim permaneçam envolvidos com eles, numa base nova, adultos.

Se o casamento transcorre sem unidade e comunicação entre o casal e se foi construído principalmente através dos filhos, o fato de estes já não estarem por perto como amortecedores para um casamento deteriorado, pode provocar ansiedade.

É neste ponto que algumas mães começam a agarrar-se aos filhos. Mantendo-os apegados a elas, seus olhares desviam-se da desagradável perspectiva de ficar frente a frente pelo resto da vida com o marido, num relacionamento que há muito deixou de ser satisfatório.

O medo de separação também pode desempenhar seu papel em relacionamentos adultos, frequentemente com resultados negativos. Manter um relacionamento cria hábito, assim como ficar sozinho, também. Quando se tem uma relação por algum tempo, acostuma-se a ter alguém por perto. Estar com uma pessoa no dia a dia, torna algo habitual para muitas pessoas, mesmo que o relacionamento não seja dos melhores. Quanto mais durar a relação, mais difícil tornar-se de novo só.

Há um certo conforto em ter alguém por perto, por mais insatisfatório que esse alguém possa ser.

Frequentemente, é quando a situação se torna insuportável ao extremo que a pessoa consegue superar seu medo de separação e tomar uma atitude positiva.

A chave para a solução nessas dependências de relacionamento consiste em considerar os objetivos a longo prazo para a vida. Se é difícil sair de uma relação prejudicial, observem-se as consequências em permanecer. Se é possível dizer, honestamente, que se fez o máximo para harmonizar as diferenças e foi dado tudo de si para melhorar o relacionamento e ainda assim não foi bem, as chances são de que jamais irá bem. Ao se permanecer, bloqueia-se a possibilidade de uma relação satisfatória com outra pessoa.

ETERNIDADE

O que quer que seja a eternidade, ela está aqui neste momento. Em nenhum outro lugar, ou em todos outros lugares. Por que tanta gente tem esse desejo de viver para sempre? De garantir seu lugar no céu?

O céu é aqui. Diz García Márquez “vivo meu presente agora”. Se você não tiver esta experiência agora, nunca conseguirá tê-la... porque quando chegar ao céu, aquilo não é eterno; apenas perpétuo, interminável. O céu dura muito tempo. Eterno está além do tempo. O conceito de tempo exclui a eternidade. O tempo é invenção nossa. É a nossa experiência. Mas o mistério supremo inqualificável fica além da experiência humana. Existe uma condescendência, por parte do infinito, para com a mente do homem e isso é que parece ser Deus.

Através da obra de Santo Tomás de Aquino, você percebe que o céu é a contemplação da imagem beatífica de Deus. Então, esse seria um momento atemporal, o tempo explode e, outra vez, a eternidade não é duradoura. Você pode tê-la aqui e agora nos seus relacionamentos.

Há um trecho maravilhoso de Schopenhauer que diz “quando você chega a uma certa idade e olha para sua vida passada

parece que ela teve uma ordem; parece que ela foi composta por alguém, e esses acontecimentos que, quando ocorreram, pareciam apenas acidentais e ocasionais se revelaram como elementos principais, num enredo consistente". E pergunta: "Quem compôs este enredo"? E ele mesmo diz: "Da mesma forma que os seus sonhos são compostos por um aspecto de você mesmo, inconscientemente, assim também toda sua vida foi elaborada pela vontade dentro de você".

Da mesma maneira que estas pessoas que você, na vida, encontrou por acaso, se tornaram agentes efetivos na estruturação da sua vida, assim também você foi um agente na estruturação de outras vidas e tudo se encaixa como uma grande sinfonia. Cada coisa influenciando e estruturando as outras.

É como se as nossas vidas fossem um sonho em que todos os personagens estão sonhando e, assim, cada coisa se liga a todas as outras impulsionadas pela vontade da natureza.

Esta é uma ideia muito bonita; é uma ideia que ocorre na Índia, na imagem que se chama a 'Rede de Indra' ou a rede de pedras preciosas. É uma rede feita de pedras preciosas, em que cada pedra reflete todas as outras. E há também o conceito de um surgimento espontâneo e simultâneo. Tudo aparece em relação a tudo o mais... e assim

não se pode culpar ninguém por nada... tudo está em funcionamento. É maravilhoso. É como se houvesse uma intenção por trás das coisas e, mesmo assim, é tudo por acaso. Nenhum de nós viveu a vida que pretendia viver.

DIVAGANDO

Piracicaba, um dia qualquer do ano do nosso casamento. Mas ainda não nos casamos de todo. Sinto-me, hoje, perdido em pensamentos que me ocorrem quando estou sozinho. Hoje, agora, estou só, quer dizer, não a tenho comigo. Há pouco ouvi-lhe a voz por telefone e agora, só, resta-me escrever confusamente. Sou confuso? Há algum tempo em uma poesia mal feita, por um amigo daqui, mereci um resumo do meu “eu” psicológico, que dizia:

...” também o Nascimento
Que carece de uma reforma.
Todo confuso por dentro,
E que não se afeta por fora.”

Vi nestas linhas alguns traços de verdade, mas na sua ausência, Cecília, fico mais confuso por dentro e também me afeta por fora.

Fico triste, como agora, por exemplo. Estou aqui no apartamento, só e triste.

Que frases confusas escrevo. Talvez as envie a você. Serão promovidas à carta.

Bom seria poder acariciar-lhe os cabelos, as mãos e contemplar seu rosto querido.

Poderia sentir as manifestações da sua alma e, como sempre, para senti-las, eu me elevaria um pouco mais acima de minha

natureza, tão terrena, tão ligada a coisas naturais, tão carregada de hábitos não bons, ou tão faltosa de bons hábitos.

Eu não escrevi tão carregada de hábitos ruins; escrevi não bons. Bom e ruim são questões de interpretação e ponto de vista pessoal. Por outro lado, falta de bons hábitos. Os bons hábitos podem ser cultivados, mais facilmente e melhor, se houver quem nos ajude. Espero isto de você.

E agora? Assim divagando? Confusamente? Divagando em sua ausência...

Mas divagando ou não, o meio e o fim são sempre você.

E cá estou eu em sua casa, Cecília. E, por estar sozinho, em meio às regulares desordens de ordem doméstica, em que pesem meus mal orientados esforços de hoje para evitar isto, a estafa de agora me aconselha a não tentar repetir a façanha, já que não atinjo o objetivo, pois limpar casa não é minha especialidade. E depois disto, o que restou para minha ânsia de sossego?

Eis tudo: No piso da cozinha, papéis de após limpeza. Limpeza? Ou alteração das posições dos lixos?

No teto o ambiente parece, pela natureza, mais festivo: borboletinhas rodeando a luz. São duas. Devem ser um casal feliz, penso.

Sobre o teto a água caindo, enchendo a caixa, em borbulhas barulhentas. Ainda na cozinha, a mesa e sobre ela uma lata vazia de

cera promovida a cinzeiro. Grande cinzeiro, que, pelo tamanho, pouco requer limpeza. Do cigarro, uma fumacinha fina, como uma nuvem vertical.

Espalhados sobre a mesa, papéis inquietadores, contendo a difícil matemática das prestações mensais e livros que, à noite, com frequência, leio. São bons amigos. Servem-me, sempre, nunca pediram nada, brindam-me com ideias úteis, interessantes que às vezes aproveito. E o que é bom, diferem das preocupações de todo dia.

Das seis cadeiras, cinco estão vazias. Na outra, estamos eu e minhas saudades de você. E escrevemos coisas, talvez difíceis de entender, julgo. Em meio a esta quietude, todas estas coisas vivem em relativa paz comigo.

É ano do nosso casamento. Já nos casamos, mas não nos casamos de todo.

Estou só. Pensando assim sou egoísta? Imagino-a aí, distante. Que estará fazendo ou pensando agora? Por que me faço estas perguntas? É a saudade. Não as interprete mal. Continuarei sentindo a sua casa, a nossa casa...

Aqui é noite. É quase silêncio. A atmosfera calorenta contém um pouco do piano da vizinha, que invade o apartamento pelo vitrô entreaberto. É algo confuso. É exercício, mas é bom. É música.

Faz um silêncio diferente. Digamos, se é possível, musicado. Já o cansaço pesa-me no corpo e sinto a urgência do sono. Vou ao meu quarto de dormir, olho. Se me deito completo assim, todas as noites o mesmo quadro: colchão e roupas sujas pelo chão. Poucas poeiras sobre as roupas e eu sobre as poeiras sobre as roupas do colchão, no chão. Assim o teto fica tão distante.

Se apago a luz, do quarto assim escuro, as preocupações do dia, aos poucos, fogem. Dou-me aos pensamentos noturnos e com eles transponho todas as fronteiras, supero as crises, venço as distâncias. E, por este meio também, como sempre, chego ao mesmo fim: você.

Chego até você.

Por isso gosto destes pensamentos; também eles estruturam e motivam meus raros sonhos, de quando estou dormindo. Vem-me, de súbito, a lembrança do outro quarto: o leito à sua espera. Não! Não só um leito à sua espera. Tudo e eu também à sua espera. Principalmente eu à sua espera. A bem da verdade, eu, ansioso por você me esperando no leito do outro quarto. Venha logo, amor, não só porque quero; é porque preciso de você.

Mas ainda faltam três semanas. Até então estarei apenas pensando. E, pensando em nosso amor, sou feliz em saber que você me quer, mas sou triste por estarmos separados.

Como explicar isto?

Nascimento todo confuso por dentro...

Não sei. Penso... converso comigo mesmo, pois ninguém me poderia entender nestas ideias. São coisas relativas a nós, e só você entenderia.

Mas você não está aqui. Logo virá, não é, amor?

Logo virá! Eu espero, perguntando-me como tem sido, até hoje, o nosso amor.

O nosso amor tem sido diferente, porque à distância, sabe, há sofrimentos. Ficamos juntos tão poucos momentos, felizes, mas que acabam de repente.

Olhemos o que nos espera. Haverá, eu sei, vasta recompensa. Até hoje o nosso amor como tem sido? Se tem composto de parcelas várias: amizade, saudades, distâncias, viagens, ânsias de chegar, espera da hora triste de partir, renúncias, dedicações tão rápidas nos exíguos lapsos de tempo que passamos juntos, manifestações de afeto, por cartas...

Só o amor que você inspira seria capaz de resistir a isto, pois, alicerça-se em sólida amizade capaz de tudo transpor e suportar, sem mesmo, nunca, ao menos, se importar com o doce-amargo gosto da saudade.

Entretanto, solitário e triste, aqui em casa, nesta noite quente, fico considerando a situação do nosso amor: renúncias às nossas mútuas presenças, cartas de afeto, sentir amor

à distância, esperar rever teu rosto, com ânsia.
Quem nos impôs na vida estas sentenças?

Venha logo, amor, pois se hoje nos entendemos, nos amamos nestas condições que, convenhamos não são as ideais, temos direito a outras ambições. Do nosso amor só deverão ficar as parcelas ótimas que o compõem. Só elas entrarão em nossa casa. Em seu lar, Cecília.

AGNITIO POST MORTEM

Ao adentrar o derradeiro abrigo
E repousar no leito frio e duro,
Provei quase um pavor do meu futuro,
Temendo a falta de um consolo amigo.

Pude depois provar este silêncio puro
E conhecer quantos eram comigo,
No paraíso livre e mais antigo,
Além dos umbrais de um túmulo escuro.

A vida exulta sem qualquer mistério.
Todos desfrutam verdadeira paz,
Sob o jardim acolhedor do cemitério,

Neste convívio igual e fraterno,
E na total libertação que faz
Cada instante de alegria ser eterno.

"O quase silêncio da noite tem apenas o som romântico do brilho das estrelas. Ele nutre com delicadeza extrema o meu conjunto de saudades."

[...]

"Assim, em cada instante vivo. Vivo toda uma vida."

